

À Procura de Alaska

Primeiro amigo, primeiro amor, últimas palavras.

John Green

3.^a edição

ASA

antes

Cento e trinta e seis dias antes

NA SEMANA ANTES de deixar a minha família e a Florida e o resto da minha vida insignificante para ir para um colégio interno no Alabama, a minha mãe insistiu em dar uma festa de despedida em minha honra. Dizer que as minhas expectativas eram baixas era subestimar o assunto de forma dramática. Embora eu tenha sido mais ou menos obrigado a convidar todos os meus “amigos da escola”, ou seja, a salganhada do pessoal do teatro e os cromos ingleses com quem me sentava por necessidade social no cavernoso refeitório da minha escola pública, sabia que eles não viriam. Ainda assim, a minha mãe insistiu, levada pela ilusão de que eu havia mantido a minha popularidade em segredo durante todos estes anos. Cozinhou uma pequena montanha de molho de alcachofra. Enfeitou a nossa sala de estar com serpentinas verdes e amarelas, as cores da minha nova escola. Comprou duas dúzias de bombas de confetis e colocou-as em toda a volta da nossa mesa de centro.

E ao chegar essa última sexta-feira, quando já tinha as malas quase feitas, ela sentou-se comigo e com o meu pai no sofá da sala de estar às 4h56 da tarde e aguardou pacientemente a chegada da cavalaria do Adeus ao Miles. A dita cavalaria consistia em duas pessoas ao certo: Marie Lawson, uma loira baixinha com óculos retangulares, e Will, o seu namorado atarracado (para ser simpático).

– Olá, Miles – cumprimentou Marie, quando se sentou.

– Olá – disse eu.

– Como foi o teu verão? – perguntou Will.

– Passou-se. E o teu?

– Foi bom. Fizemos o *Jesus Cristo Superstar*. Eu dei uma ajuda nos cenários. A Marie tratou das luzes – disse Will.

– Isso é fixe. – Assenti de modo conhecedor com a cabeça, esgotando praticamente os nossos temas de conversa. Eu podia ter feito uma pergunta acerca do *Jesus Cristo Superstar*, mas a) não sabia o que era, b) não estava interessado em saber e c) nunca tive grande jeito para conversa de circunstância. A minha mãe, porém, consegue passar horas a fazer conversa de circunstância, por isso prolongou o constrangimento perguntando-lhes acerca do horário dos ensaios, de como tinha corrido o espetáculo e se tinha sido um êxito.

– Suponho que sim – disse Marie. – Acho que veio muita gente, suponho eu. – Marie era o tipo de pessoa que supunha muito.

Por fim, Will disse:

– Bem, passámos por cá só para nos despedirmos. Tenho de deixar a Marie em casa às seis. Diverte-te no colégio interno, Miles.

– Obrigado – respondi, aliviado. A única coisa pior do que ter uma festa a que ninguém vai é ter uma festa a que só vão duas pessoas extrema e profundamente desinteressantes.

Depois de saírem, sentei-me junto dos meus pais e fitei o televisor apagado, com vontade de o ligar mas sabendo que não devia fazê-lo. Sentia-os aos dois a olharem para mim, à espera de que eu desatasse num pranto ou coisa parecida, como se eu não soubesse desde o início que era precisamente isto que ia acontecer. Mas eu sabia. Apercebi-me da pena que sentiam de mim enquanto escavavam o molho de alcachofra com as batatas fritas destinadas aos meus amigos imaginários, mas eles eram mais merecedores de pena do que eu: eu não estava dececionado. Aquilo tinha ido ao encontro das minhas expectativas.

– É por causa disto que queres ir-te embora, Miles? – perguntou a minha mãe.

Ponderei durante um momento, tendo o cuidado de não olhar para ela. – Há... não – disse eu.

– Então porque é? – perguntou. Não era a primeira vez que fazia a pergunta. A minha mãe não estava propriamente desejosa de me deixar ir para o colégio interno, e não fazia segredo disso.

– É por minha causa? – perguntou o meu pai. Ele tinha frequentado Culver Creek, o mesmo colégio interno para onde eu ia, tal como os seus dois irmãos e todos os filhos deles. Acho que lhe agradava a ideia de eu lhe seguir os passos. Os meus tios tinham-me contado histórias de como o meu pai ganhara fama na escola por ter armado as maiores barafundas e, ao mesmo tempo, ter sido excelente em todas as disciplinas. Parecia ser uma vida melhor do que aquela que eu tinha na Florida. Mas não, não era por causa do meu pai. Não propriamente.

– Espera aí – disse eu. Fui até ao escritório do meu pai e encontrei a biografia que ele tinha de François Rabelais. Eu gostava de ler biografias de escritores, mesmo que (como era o caso de Monsieur Rabelais) nunca tivesse lido nenhuma das suas obras. Virei as páginas até ao fim do livro e encontrei a citação sublinhada a marcador (“NUNCA USES MARCADOR NOS MEUS LIVROS”, dissera-me o meu pai mais de mil vezes. Mas de que outra maneira se consegue encontrar aquilo de que se anda à procura?).

– Então, este tipo – disse eu, parado à soleira da porta da sala de estar –, o François Rabelais. Ele era poeta. E as últimas palavras dele foram: “Vou em busca de uma Grande Incógnita.” É por essa razão que eu vou. Para não ter de esperar até morrer para começar a minha busca por uma Grande Incógnita.

E isso acalmou-os. Eu andava atrás de uma Grande Incógnita, e eles sabiam tão bem como eu que não iria encontrá-la com os semelhantes de Will e Marie. Tornei a recostar-me no sofá, entre a minha mãe e o meu pai, e o meu pai pôs o braço à minha volta e ficámos ali assim, sossegados no sofá, durante um bom bocado, até me parecer apropriado ligar a televisão, e depois jantámos molho

de alcachofra e vimos o Canal História, e, no que respeita a festas de despedida, a verdade é que podia ter sido bem pior.

Cento e vinte e oito dias antes

É VERDADE QUE A FLORIDA ERA BASTANTE QUENTE, e húmida também. Quente o suficiente para a roupa se colar ao nosso corpo como fita adesiva e o suor nos escorrer como lágrimas da testa para os olhos. Mas só fazia calor lá fora, e eu só costumava ir lá fora para me deslocar de um local com ar-condicionado para outro.

Isso não me preparou para o tipo de calor singular com que uma pessoa se depara vinte e quatro quilómetros a sul de Birmingham, Alabama, na Escola Secundária de Culver Creek. O jipe dos meus pais estava estacionado na relva a poucos metros do meu quarto no dormitório, o Quarto 43. Mas de cada vez que eu dava esses poucos passos até ao carro para descarregar o que agora me pareciam coisas a mais, o sol atravessava-me a roupa e queimava-me a pele com uma intensidade de tal modo violenta que me fazia sentir verdadeiramente no fogo do Inferno.

Entre a minha mãe, o meu pai e eu, só demorámos uns minutos a descarregar o carro, mas o meu quarto sem ar-condicionado, embora tivesse a bênção de não apanhar com a luz direta do sol, era apenas um pouco mais fresco. O quarto surpreendeu-me: tinha imaginado uma alcatifa, paredes com painéis de madeira e mobiliário da época vitoriana. À parte um luxo – uma casa de banho privada –, aquilo era uma caixa. Com paredes de blocos de cimento revestidas com camadas espessas de tinta branca e um chão de linóleo de um axadrezado verde e branco, aquele sítio parecia mais um hospital do que o quarto do dormitório das minhas fantasias. Havia um beliche de madeira com colchões de vinil encostado à janela traseira do quarto. As secretárias e cómodas e estantes estavam todas fixas às paredes, de modo a

impedir um planeamento criativo no chão. *E nada de ar-condicionado.*

Sentei-me no beliche de baixo enquanto a minha mãe abria a arca, agarrava numa pilha de biografias de que o meu pai concordara em abdicar e as colocava nas estantes.

– Eu consigo desfazer a mala, mãe – disse eu. O meu pai deixou-se ficar parado. Estava pronto para ir embora.

– Pelo menos deixa-me fazer-te a cama – disse a minha mãe.

– Não, a sério. Eu faço. Está tudo bem. – Porque estas coisas não podem prolongar-se eternamente. A dada altura, é preciso arrancar o penso rápido, e isso dói, mas depois acaba e sentimo-nos aliviados.

– Meu Deus, vamos sentir tanto a tua falta – disse a minha mãe, de repente, passando por cima do campo minado de malas para chegar até à cama. Levantei-me e dei-lhe um abraço. O meu pai também foi ter comigo, e formámos uma espécie de feixe. Estava demasiado calor e nós estávamos demasiado transpirados para que o abraço pudesse durar muito tempo. Eu sabia que deveria chorar, mas já vivia com os meus pais há dezasseis anos, e o teste da separação já parecia fora de prazo.

– Não te preocupes – sorri. – Vou aprender a falar à sulista como deve ser. – A minha mãe riu-se.

– Não faças nenhuma parvoíce – disse o meu pai.

– Combinado.

– Nada de drogas. Nada de bebida. Nada de cigarros. – Enquanto aluno de Culver Creek, ele tinha feito coisas de que eu apenas ouvira falar: as festas secretas, o andar a correr todo nu pelos campos de feno (ele queixava-se sempre de que nessa altura só havia rapazes), as drogas, a bebida e os cigarros. Tinha demorado um bom bocado a deixar de fumar, mas os seus tempos de rufia tinham ficado bem para trás.

– Eu adoro-te – desabafaram os dois em simultâneo. Aquilo precisava de ser dito, mas a palavra tornou a coisa horivelmente desconfortável, como a imagem dos nossos avós aos beijos.

– Eu também vos adoro. Eu telefono todos os domingos. – Os nossos quartos não dispunham de linha telefónica, mas os meus pais tinham solicitado que eu fosse colocado num quarto perto de uma das cinco cabines de Culver Creek.

Abraçaram-me de novo – primeiro a minha mãe, depois o meu pai – e pronto. Pela janela dos fundos vi-os a sair das instalações da escola pela estrada sinuosa. Se calhar devia ter sentido uma tristeza sentimentalona e lamechas. Mas o que eu mais queria era refrescar, por isso agarrei numa das cadeiras da secretária e sentei-me do lado de fora da porta, à sombra do algeroz pendente, à espera de uma aragem que nunca chegou. O ar do lado de fora estava tão parado e opressivo como o ar no interior. Olhei lá para fora, para o meu novo alojamento: seis edifícios de um só piso, cada um deles com dezasseis quartos de dormitório, dispostos em hexagrama em torno de um grande círculo de relva. Parecia um motel antigo demasiado grande. Por toda a parte, rapazes e raparigas abraçavam-se e sorriam e passeavam juntos. Tinha uma vaga esperança de que aparecesse alguém para falar comigo. Já imaginava a conversa:

– Olá. É o teu primeiro ano?

– É, sim. Sou da Florida.

– Que fixe. Então já estás habituado ao calor.

“Nem que viesse do Hades eu haveria de estar habituado a este calor”, poderia brincar eu. Daria uma primeira boa impressão. *Ah, ele é engraçado. Aquele Miles é um fartote.*

Claro está que isso não aconteceu. As coisas nunca aconteciam como eu as imaginava.

Entediado, voltei para dentro, despi a T-shirt, deitei-me no vinil calorento do colchão do beliche de baixo e fechei os olhos. Nunca tinha renascido com o batismo e o sofrimento e essas coisas todas, mas decerto não poderia ser muito melhor do que renascer como alguém sem passado conhecido. Pensei nas pessoas acerca de quem já tinha lido – John F. Kennedy, James Joyce, Humphrey Bogart – e que tinham frequentado colégios internos e acerca das suas

aventuras. Kennedy, por exemplo, adorava pregar partidas. Pensei na Grande Incógnita e nas coisas que poderiam acontecer e nas pessoas que eu poderia conhecer e em quem poderia ser o meu companheiro de quarto. (Tinha recebido uma carta umas semanas antes a dar-me o nome dele, Chip Martin, mas mais nenhuma informação.) Fosse lá quem fosse Chip Martin, eu esperava bem que ele trouxesse um arsenal de ventoinhas potentes, porque eu não tinha guardado nem uma na mala e já sentia o suor a ensopear o colchão de vinil, coisa que me enojava tanto que eu parei de pensar e levantei o rabo da cama para ir à procura de uma toalha com que limpar o suor. E foi então que pensei: *Bem, antes da aventura vem o desfazer das malas.*

Consegui colar um mapa do mundo à parede e guardar a maior parte da minha roupa em gavetas antes de reparar que o ar quente e húmido fazia transpirar até as paredes, e depois decidi que não era hora de trabalho manual. Era hora de um magnífico duche frio.

A pequena casa de banho continha um enorme espelho a toda a largura da parede, por isso não pude escapar ao reflexo do meu corpo nu quando me inclinei para ligar a torneira do duche. A minha magreza sempre me surpreendeu – os meus braços fininhos não pareciam aumentar muito quando passavam do pulso para o ombro, ao meu peito faltava uma pontinha que fosse de gordura ou de músculo – e eu senti-me envergonhado e pus-me a pensar se haver algo que eu pudesse fazer em relação ao espelho. Abri a cortina branca lisa do duche com um puxão e baixei-me na cabine.

Infelizmente, o chuveiro parecia ter sido concebido para alguém com menos de um metro e vinte, por isso a água fria bateu-me na parte de baixo das costelas – com toda a pujança de uma torneira a pingar. Para molhar a minha cara encharcada em suor, tive de abrir as pernas e agachar-me bastante. De certeza que John F. Kennedy (que, segundo a sua biografia, media um metro e oitenta e dois, a

minha altura exata) não teve de se *agachar* no *seu* colégio interno. Não, isto era algo completamente diferente, e, enquanto os pingos do chuveiro ensopavam o meu corpo aos poucos, eu indagava-me sobre se poderia mesmo encontrar aqui uma Grande Incógnita ou se teria cometido um grande erro de cálculo.

Quando abri a porta da casa de banho depois do meu duche, com uma toalha enrolada à volta da cintura, vi um tipo baixinho e musculado com um tufo de cabelo castanho. Arrastava um gigantesco saco de viagem verde-tropa pela porta do meu quarto. Media cerca de um metro e meio, mas era bem constituído, como um modelo de Adónis à escala, e trazia consigo o mau cheiro do fumo do tabaco cediço. *Bestial*, pensei eu. *Vou conhecer o meu companheiro de quarto e estou nu*. Ele puxou o saco de viagem para dentro do quarto, fechou a porta e encaminhou-se para mim.

– Sou o Chip Martin – anunciou, numa voz profunda, a voz de um DJ de rádio. Antes que eu pudesse reagir, acrescentou: – Eu dava-te um aperto de mão, mas acho que devias agarrar-te com força a essa toalha até vestires alguma roupa.

Ri-me e assenti com a cabeça (é fixe, não é? o aceno de cabeça?) e disse: – Eu sou o Miles Halter. Prazer.

– Miles a “percorrer antes de dormir”? – perguntou-me ele.

– Há?

– É um poema de Robert Frost¹. Nunca o leste?

Abanei a cabeça para responder que não.

– Considera-te um felizardo. – Sorriu.

Agarrei em roupa interior lavada, num par de calções da *Adidas* e numa *T-shirt* branca, balbuciei que voltava dentro de um segundo e voltei a entrar abaixado na casa de banho. Lá se ia a boa primeira impressão.

¹ “Miles to go before I sleep” é o título de um poema de Robert Frost, um poeta norte-americano da primeira metade do século xx. A tradução à letra deste título seria “Milhas a percorrer antes de dormir”. (*N. da T.*)

– Então, onde é que estão os teus pais? – perguntei da casa de banho.

– Os meus pais? Neste momento, o meu pai está na Califórnia. Talvez esteja sentado no seu sofá reclinável. Talvez esteja a conduzir a carrinha dele. Dê lá por onde der, está a beber. A minha mãe deve estar agora a dar a volta para sair das instalações da escola.

– Oh – disse eu, já vestido, sem saber bem como reagir a uma informação tão pessoal. Suponho que não devia ter perguntado, se não queria saber.

Chip agarrou em alguns lençóis e atirou-os para o beliche de cima.

– Sou homem de beliche de cima. Espero que não te incomodes com isso.

– Não, não. Como preferires.

– Já vi que decoraste o quarto – disse ele, fazendo sinal para o mapa do mundo. – Gosto.

E então começou a nomear países. Falava num tom monotónico, como se já tivesse feito aquilo mil vezes.

Afeganistão.

Albânia.

Alemanha.

Andorra.

Argélia.

E por aí em diante. Acabou a letra A antes de erguer os olhos e se aperceber do meu olhar incrédulo.

– Podia dizer os outros, mas é provável que ficasses entediado. Foi uma coisa que aprendi durante o verão. Céus, não imaginas como New Hope, no Alabama, é aborrecida no verão. Tal como ver feijões de soja a crescer. A propósito, de onde vens tu?

– Da Florida – respondi.

– Nunca lá estive.

– Essa cena dos países é deveras impressionante – disse eu.

– Pois, toda a gente tem um talento. Eu consigo decorar coisas. E tu...?

– Hum, eu sei as últimas palavras de imensa gente. – Era um prazer a que me permitia, aprender últimas palavras. As outras pessoas comiam chocolate; eu decorava declarações de moribundos.

– Por exemplo?

– Gosto da de Henrik Ibsen. Era dramaturgo. – Eu sabia muito acerca de Ibsen, mas nunca lera nenhuma das suas peças. Não gostava de ler peças teatrais. Gostava de ler biografias.

– Sim, sei quem era – disse Chip.

– Pronto, bem, ele estava doente há uns tempos e a enfermeira disse-lhe: “Hoje parece estar a sentir-se melhor.” E Ibsen olhou para ela e respondeu: “Bem pelo contrário.” E depois morreu.

Chip riu-se. – Isso é mórbido. Mas agrada-me.

Disse-me que era o seu terceiro ano em Culver Creek. Tinha entrado no 9.º ano, o primeiro ano lecionado na escola, e agora ia frequentar o 11.º, tal como eu. Aluno de bolsa, dizia ele. Conseguiu o pacote completo. Ouvira dizer que aquela era a melhor escola de Alabama, por isso redigiu o seu texto de candidatura dizendo que queria muito ir para uma escola onde pudesse ler livros longos. O problema, explicava ele no seu texto, era que o pai lhe batia sempre com os livros que havia em casa, portanto, para sua segurança, Chip só tinha livros pequenos e de capa mole. Os pais divorciaram-se no primeiro ano do Secundário. Ele gostava do “Creek”, como lhe chamava, mas dizia, com um sorriso afetado: “Aqui é preciso ter-se cuidado com os alunos e com os professores. E eu detesto ser cuidadoso.” Eu também detestava ser cuidadoso – ou pelo menos queria detestar.

Contou-me isto enquanto desfazia o saco de viagem, atirando com a roupa para dentro das gavetas com desmazelo e desleixo. Chip não acreditava na necessidade de uma gaveta das meias nem de uma gaveta para *T-shirts*. Acreditava que todas as gavetas tinham sido criadas como iguais e que se enchiam com o que lá coubesse. A minha mãe teria tido um chique.

Assim que acabou de “desfazer a mala”, Chip deu-me uma pancada no ombro e disse:

– Espero que sejas mais forte do que pareces. – Depois saiu porta fora, deixando-a aberta. Passados uns segundos, meteu a cabeça para espreitar e viu-me parado. – Então, embora lá, Miles a Percorrer Halter. Temos cenas para fazer.

Fomos até à sala da televisão, onde estava, pelo que Chip dizia, a única televisão com ligação por cabo da escola. Durante o verão, servia de arrecadação. Atafulhada até teto com sofás, frigoríficos e carpetes enroladas, a sala da televisão animava-se com miúdos que tentavam encontrar e levar dali as suas coisas. Chip cumprimentou algumas pessoas, mas não me apresentou. Enquanto ele cirandava pelo labirinto repleto de sofás, eu fiquei junto da porta, esforçando-me ao máximo para não bloquear o caminho aos pares de companheiros de quarto à medida que manobravam a mobília através da estreita porta de entrada.

Chip demorou dez minutos a encontrar a tralha dele e nós demorámos mais uma hora a fazer quatro viagens de ida e volta para atravessar o círculo dos dormitórios entre a sala da televisão e o Quarto 43. No final, só me apetecia meter-me no minifrigorífico de Chip e dormir durante mil anos, mas Chip parecia imune à fadiga e ao calor. Sentei-me no sofá dele.

– Encontrei-o numa berma no meu bairro há dois anos – disse ele, acerca do sofá, enquanto se ocupava a instalar a minha *PlayStation 2* no cimo da sua arca de arrumação. – Sei que a pele tem algumas gretas, mas vamos lá. É um sofá bem porreiro. – A pele tinha mais do que algumas gretas – era cerca de trinta por cento pele sintética e setenta por cento espuma –, mas ainda assim tinha um toque bem agradável.

– Muito bem – disse ele. – Estamos quase despachados. – Encaminhou-se para a sua secretária e retirou um rolo de fita adesiva de uma gaveta. – Só precisamos da tua arca.

Levantei-me para tirar a arca de debaixo da cama e Chip colocou-a entre o sofá e a *PlayStation 2* e começou a rasgar tiras

finas de fita adesiva. Colou-as à arca, de modo a formar as palavras MESA DE CENTRO.

– Já está – disse ele. Sentou-se e pôs os pés em cima da, hum, mesa de centro. – Feito.

Sentei-me ao lado dele e ele olhou para mim e disse, de súbito: – Escuta. Eu não vou ser o teu bilhete de entrada para a vida social de Culver Creek.

– Ah, tudo bem – disse eu, mas conseguia ouvir as palavras que me tinham ficado presas na garganta. Tinha acabado de carregar com o sofá deste tipo debaixo de um sol escaldante e agora ele não gostava de mim?

– Basicamente, há aqui dois grupos – explicou ele, falando com um entusiasmo crescente. – Tens os internos normais, como eu, e depois tens os Guerreiros do Fim de Semana, que dormem cá mas são todos putos ricos que vivem em Birmingham e vão a casa todos os fins de semana, para as mansões com ar-condicionado dos seus pais. Esses são os miúdos populares. Eu não gosto deles e eles não gostam de mim, portanto, se vieste para cá a pensar que eras o maior da tua rua lá na escola pública, vais continuar a ser o maior da tua rua aqui, por isso é melhor não seres visto comigo. Andavas na escola pública, não andavas?

– Há... – disse eu. De modo abstraído, comecei a depenicar as gretas da pele do sofá, enfiando os dedos na brancura esponjosa.

– Pois é, deves ter andado, porque se tivesses frequentado um colégio, essa porcaria de calções servia-te. – Riu-se.

Uso os calções abaixo da anca, coisa que pensava ser fixe. Por fim, lá disse:

– Sim, andava na escola pública. Mas não era o maior da minha rua, Chip, era um gajo como os outros.

– Ah! Isso é bom. E não me trates por Chip. Trata-me por O Coronel.

Abafei uma gargalhada.

– O *Coronel*?

– Sim. O Coronel. E nós vamos tratar-te por... hum... Badocha.

– Há?

– Badocha – disse o Coronel. – Por seres magrinho. Chama-se a isso ironia, Badocha. Já ouviste falar? Agora vamos lá arranjar cigarros e começar o ano da melhor maneira.

Ele saiu do quarto, mais uma vez partindo do pressuposto de que eu iria atrás dele, e desta vez fui mesmo. Felizmente, o Sol já baixava em direção ao horizonte. Passámos por cinco portas até chegarmos ao Quarto 48. Havia um quadro branco colado à porta com fita adesiva. A marcador azul estava escrito o seguinte: *A Alaska tem um individual!*

O Coronel explicou-me que a) este era o quarto de Alaska, b) ela tinha um quarto individual porque a rapariga que deveria ser sua companheira de quarto tinha sido expulsa no final do ano passado e c) Alaska tinha cigarros, embora o Coronel se tenha esquecido de perguntar se d) eu fumava, coisa que e) eu não fazia.

Bateu uma vez à porta, com estrondo. Do outro lado da porta, uma voz gritou:

– Oh, meu Deus, entra, meu baixote, porque eu tenho uma história do melhor.

E entrámos. Virei-me para fechar a porta atrás de mim e o Coronel abanou a cabeça e disse:

– A partir das sete, tens de deixar a porta aberta, se estiveres no quarto de uma rapariga. – Mas eu mal o ouvi, porque a rapariga mais gira de toda a história da Humanidade estava ali à minha frente, com umas calças de ganga cortadas e um top de alças cor de pêssego. E tagarelava com o Coronel, falando alto e depressa.

– Então, primeiro dia de verão, estou na bela velhinha Vine Station com um rapaz chamado Justin na casa dele a ver televisão no sofá – e repara que já namoro com o Jake; na verdade, ainda namoro com ele, por incrível que pareça, mas o Justin é um amigo meu de quando eu era miúda e, portanto, estamos a ver televisão e

a conversar acerca dos exames de admissão, ou coisa que o valha, e o Justin põe o braço à minha volta e eu penso *Oh, que agradável, somos amigos há tanto tempo e sinto-me completamente confortável*. E estamos apenas a conversar e então eu vou a meio de uma frase acerca de analogias, ou assim, e, como se fosse um falcão, ele estica-se para baixo e buzina-me na mama. BUZINA. Uma BUZINADELA demasiado firme de dois ou três segundos. E a primeira coisa em que pensei foi: *OK, como é que liberto a minha mama desta garra antes que deixe marcas permanentes?* E a segunda coisa em que pensei foi: *Meu Deus, mal posso esperar para contar ao Takumi e ao Coronel*.

O Coronel riu-se. Eu fiquei espedado a olhar, por um lado aturdido pela força da voz emanada pela pequenita (mas, oh meu Deus, com belas curvas) rapariga e por outro lado pelas gigantescas pilhas de livros que lhe forravam as paredes. A sua biblioteca enchia-lhe as estantes e depois transbordava para montes de livros por toda a parte que nos davam pela cintura, empilhados ao acaso contra as paredes. Pensei que bastava que um se mexesse para que o efeito dominó nos engolisse aos três numa asfixiante massa de literatura.

– Quem é esse gajo que não está a rir-se da minha história tão engraçada? – perguntou ela.

– Ah, pois. Alaska, este é o Badocha. O Badocha decora as últimas palavras das pessoas. Badocha, esta é a Alaska. Buzinaram-lhe na mama durante o verão. – Ela encaminhou-se para mim com a mão estendida, depois fez um movimento rápido e descendente no último instante e puxou-me os calções para baixo.

– São os maiores calções do estado do Alabama!

– Gosto deles largos – disse eu, envergonhado, e puxei-os para cima. Lá na Florida eram fixos.

– Até agora, na nossa relação, Badocha, já vi a totalidade das tuas pernas demasiadas vezes – disse o Coronel, de modo inexpressivo. – Bem, Alaska, vende-nos lá uns cigarros. – E então, não sei bem como, o Coronel convenceu-me a pagar cinco dólares por um